

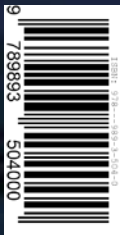


Premiar José Tolentino de Mendonça é homenagear Portugal.

Marcelo Rebelo de Sousa

Agradeço, com sentimento de humildade, ao Eng.º Ilídio Pinho e ao júri que me deu este prémio na sua primeira edição e digo que me tocou particularmente o facto de se pretender destacar a portugalidade e o papel de Portugal no mundo.

José Tolentino de Mendonça



GRANDE PRÉMIO FUNDAÇÃO ILÍDIO PINHO 2022



JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA



POESIA PONTO CARDEAL

# POESIA PONTO CARDEAL

JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA



# POESIA PONTO CARDEAL

José Tolentino Mendonça

*O ENG.º ILÍDIO PINHO NÃO PODIA  
COMEÇAR MELHOR ESTE PRÉMIO  
AO PEDIR-ME PARA DESENHAR ESTA  
MEDALHA E AO ESCOLHER O GRANDE  
POETA TOLENTINO DE MENDONÇA  
PARA PRIMEIRO PREMIADO.*

ÁLVARO SIZA VIEIRA



06

**GRANDE PRÉMIO  
FUNDAÇÃO ILÍDIO PINHO**

32

**A PEDRA FILOSOFAL  
DESTE PRÉMIO**  
ILÍDIO PINHO

13

**TRÊS LIVROS  
PARA A PORTUGALIDADE**

ATA DO JÚRI  
CARLOS MAGNO



42

**A VITÓRIA  
SOBRE O PESSIMISMO**  
JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA

19

**TOLENTINO:  
INSPIRADO E INSPIRADOR**  
RUI MOREIRA

58

**MAS O QUE É  
A PORTUGALIDADE?**  
MARCELO REBELO DE SOUSA

Mas, afinal, o que é a portugalidade?  
O tema tem vindo a ser quase tabu no discurso público nacional. Ao contrário dos ingleses para quem a palavra *britishness* funciona como orgulhosa identidade, nós, os portugueses, temos alguma dificuldade em identificar alguns valores históricos que nos tornaram universais.

Este livro é um prémio partilhado com o leitor. Tem a poesia como ponto cardeal da portugalidade, porque o texto central é o discurso de José Tolentino de Mendonça a agradecer o I.º Grande Prémio Fundação Ilídio Pinho, entregue pelo Presidente da República no dia 19 de dezembro de 2022.

O Eng.º Ilídio Pinho pediu para se inscrever a palavra Poesia na medalha que o Arq. Álvaro Siza Vieira desenhou exclusivamente para servir de símbolo ao maior prémio pecuniário privado (cem mil euros) atribuído a uma personalidade portuguesa, porque, quando fez Cardeal o Bispo Tolentino, o Papa disse: «Tu és a Poesia».

Além da reflexão do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa sobre o que é ser português no mundo contemporâneo, também Rui Moreira, anfitrião da cerimónia na Câmara do Porto, deu as boas-vindas ao prémio sobre a portugalidade e ao premiado por ser, aos olhos do mundo, um português exemplar.

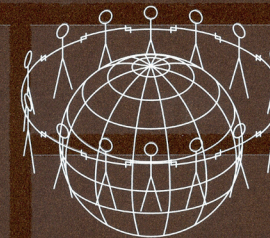
Ilídio Pinho explicou as razões que o levaram a criar esta distinção e Carlos Magno, falando em nome do júri, leu a ata em que se revela o regulamento e o futuro deste prémio que passa a distinguir anualmente um cidadão português reconhecido pela comunidade internacional.

Mas, afinal, o que é a portugalidade? O tema tem vindo a ser quase tabu no discurso público nacional. Ao contrário dos ingleses para quem a palavra *britishness* funciona como orgulhosa identidade, nós, os portugueses, temos alguma dificuldade em identificar alguns valores históricos que nos tornaram universais.

Este livro é, por isso, uma proposta de partilha do debate nacional. Em bom português. E com a poesia a fazer filosofia.

*AGRADEÇO, COM SENTIMENTO DE HUMILDADE, AO ENG.º ILÍDIO PINHO E AO JÚRI QUE ME DEU ESTE PRÉMIO NA SUA PRIMEIRA EDIÇÃO E DIGO QUE ME TOCOU PARTICULARMENTE O FACTO DE SE PRETENDER DESTACAR A PORTUGALIDADE E O PAPEL DE PORTUGAL NO MUNDO.*

**JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA**



GRANDE  
PRÉMIO  
FUNDAÇÃO  
ILÍDIO  
PINHO

POESIA

NOS TERMOS DO REGULAMENTO DO GRANDE PRÉMIO FUNDAÇÃO ILÍDIO PINHO,  
E POR DELIBERAÇÃO DO JÚRI, CONSTITUÍDO POR:

ILÍDIO PINHO  
ANTÓNIO SOUSA PEREIRA  
CARLOS MAGNO  
CARLOS MOEDAS  
EMÍDIO GOMES  
ISABEL CAPELOA GIL  
JOSÉ PINHEIRO  
JÚLIO PEDROSA  
NUNO SANTOS  
PAULO JORGE FERREIRA  
RUI MOREIRA

REUNIDO EM 25 DE NOVEMBRO DE 2022,  
FOI ATRIBUÍDO O GRANDE PRÉMIO - POESIA -  
AO CARDEAL D. JOSÉ TOLENTINO CALAÇA DE MENDONÇA,  
PELA SÍNTESE PERFEITA DE VALORES, DE QUALIDADES  
E DO MÉRITO DESTES PORTUGUÊS DE EXCELÊNCIA.

ALÉM DO PRÉMIO PECUNIÁRIO - NO VALOR DE 100 MIL EUROS -  
A FUNDAÇÃO ILÍDIO PINHO ATRIBUI UMA MEDALHA DE MÉRITO,  
CUJA CONCEÇÃO ARTÍSTICA É DA AUTORIA DO ARQUITETO ÁLVARO SIZA VIEIRA.

COM ESTE PRÉMIO E NOS TERMOS DO SEU REGULAMENTO,  
PASSA O SENHOR CARDEAL D. JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA A INTEGRAR,  
DE PLENO DIREITO, O JÚRI DOS PRÓXIMOS ANOS.

PORTO, PAÇOS DO CONCELHO, 19 DE DEZEMBRO DE 2022

O PRESIDENTE,

ILÍDIO DA COSTA LEITE DE PINHO

Com a sua Presidência  
de Ilídio Pinho



O Presidente da República



**TRÊS LIVROS  
PARA A PORTUGALIDADE  
ATA DO JÚRI**

*Diretor Executivo do Prémio  
e Membro do Júri,*

**Carlos Magno**

*E DEPOIS HÁ AQUELES, QUE NÃO NÓS,  
QUE NOS OLHAM, VEEM, OBSERVAM  
E DEFINEM. É A PORTUGALIDADE LIDA  
POR NÃO PORTUGUESES*

**MARCELO REBELO DE SOUSA**

O júri do Grande Prémio Fundação Ilídio Pinho, reunido no dia 25 de novembro de 2022, no 7.º andar do Edifício Península, na Rua do Bom Sucesso, no Porto, decidiu eleger o Senhor Cardeal D. José Tolentino de Mendonça para primeiro premiado desta distinção anual.

Assumindo as competências constituintes que o regulamento lhe atribui, o júri, escolhido pelo fundador Ilídio Pinho, interpretou os valores da Fundação como instituição de utilidade pública que valoriza o exemplo dos cidadãos cujo perfil manifestamente português seja reconhecido pela comunidade internacional.

Para uma melhor definição do que se considera simultaneamente singular e universal na condição de português de excelência, assumiu-se o pensamento de três autores de referência para enquadrar a escolha do premiado. Em primeiro lugar, na Geografia, o livro *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico* do Prof. Orlando Ribeiro. Na História, *A Identificação de Um País* do Prof. José Mattoso. E, na Filosofia, *O Labirinto da Saudade* do Prof. Eduardo Lourenço.



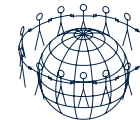
Com base nestas três obras clássicas e modernas, o júri iniciou uma breve discussão sobre a forma como iria ser seleccionado o vencedor, a partir de uma lista secreta e individual que cada membro tinha o direito de propor, nos termos do regulamento.

Abertos os envelopes que continham, cada qual, três cartões com nomes de três personalidades escolhidas por cada membro do júri, passou-se à votação dos dois mais votados. O vencedor deu-nos a honra de aceitar o prémio ao ser imediatamente informado da decisão pelo Presidente Ilídio Pinho.

Além do Presidente da Fundação, o Júri é constituído pelos Presidentes das Câmaras do Porto, Rui Moreira, de Lisboa, Carlos Moedas, e José Pinheiro, de Vale de Cambra, terra natal do Eng.º Ilídio Pinho; pelos reitores das universidades do Porto, António Sousa Pereira, de Aveiro Paulo Jorge Ferreira, da Católica, Isabel Capelo Gil, e da UTAD, Emídio Gomes.

O diretor da CNN Portugal, Nuno Santos, como *media partner* deste prémio, integrou também o júri de que fazem ainda parte, por designação pessoal do Eng.º Ilídio Pinho e em representação da Fundação, o Prof. Júlio Pedrosa e eu próprio.

O Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, na qualidade de vencedor deste ano, passa, nos termos do regulamento, a fazer parte do júri de 2023.







**TOLENTINO:  
INSPIRADO E INSPIRADOR**

*Presidente do Município do Porto,*  
**Rui Moreira**

O Município do Porto acolhe com grato prazer e muito interesse a cerimónia inaugural de um prémio que, estou certo, vai tornar-se rapidamente numa distinção de referência na sociedade portuguesa.

O Grande Prémio da Fundação Ilídio Pinho tem o enorme mérito de distinguir personalidades que se notabilizaram na promoção e defesa dos valores universais.

Valores, esses, para cuja disseminação Portugal muito contribuiu, dada a influência que historicamente teve no mundo.

Valores, pois, que se confundem com a ideia de portugalidade, ou seja, com aquilo que distingue a cultura e a história do nosso país.

Trata-se, além disso, do maior prémio pecuniário atribuído em Portugal por uma instituição exclusivamente nacional. Este facto mostra bem a vontade de tornar este Grande Prémio num emblema da missão desenvolvimentista, humanizadora e inclusiva da Fundação Ilídio Pinho.

Por tudo isto, é muito gratificante para o Município do Porto ser anfitrião desta cerimónia e estar associado ao lançamento de um prémio com propósitos tão louváveis.

Da minha parte, sinto-me pessoalmente honrado

por ter integrado o júri deste prémio, podendo assim contribuir para a valorização pública de uma personalidade portuguesa de excelência, como é o caso do Cardeal D. José Tolentino Mendonça.

Tenho grande apreço e admiração pelo Senhor Comendador Ilídio Pinho e reconheço a importância da missão, das iniciativas e da coleção de arte da sua Fundação.

Atingido o sucesso empresarial, o Senhor Comendador Ilídio Pinho não se fechou numa torre de marfim, indiferente às carências e necessidades da sociedade portuguesa. Pelo contrário: empenhou-se em servir o bem comum, em ajudar a comunidade, em promover a educação, a ciência e a cultura, em empoderar os setores mais frágeis da nossa população.

No fundo, o Senhor Comendador está a retribuir à sociedade as condições que esta lhe proporcionou e que foram essenciais ao seu êxito empresarial e pessoal. Desta forma, o Eng.º Ilídio Pinho demonstra uma forte responsabilidade social e é um exemplo de cidadania e generosidade.

A Fundação Ilídio Pinho tem revelado um intenso dinamismo na promoção da ciência e da tecnologia, no apoio a escolas, universidades e centros de inovação, na programação de iniciativas culturais e no desenvolvimento de ações de solidariedade social, cidadania e diálogo intercultural.

A missão e atividade da Fundação Ilídio Pinho são, por isso, de grande conveniência numa sociedade frágil como a portuguesa.

Uma sociedade em que o elevador social funciona

mal, o ensino, a ciência e a cultura estão subfinanciados, o défice de competências especializadas é gritante e o Estado falha na proteção aos mais desfavorecidos.

Portugal precisa de mais instituições como a Fundação Ilídio Pinho, que não só acudam aos problemas socioeconómicos do país como criem as bases para um modelo de desenvolvimento mais inteligente, mais competitivo, mais sustentável e mais inclusivo. Com a criação deste Grande Prémio, a Fundação Ilídio Pinho aprofunda a sua missão cívica e humanizadora.

O Grande Prémio da Fundação Ilídio Pinho valoriza publicamente a dimensão humanista do premiado e, desta forma, transmite o seu exemplo à sociedade e sobretudo às novas gerações.

Precisamos de exaltar os nossos *role models*. Precisamos de mostrar que existem portugueses verdadeiramente excecionais. Precisamos de contar aos nossos filhos e netos histórias reais de abnegação, altruísmo, solidariedade. Precisamos que eles saibam que há quem pense primeiro nos outros e só depois em si mesmos.

Precisamos, no fundo, de ter consciência, como sociedade, de que existem outros caminhos, outras alternativas para a felicidade que não o mero bem-estar material.

Por tudo isto, parece-me de extrema justiça e pertinência a entrega do I.º Grande Prémio da Fundação Ilídio Pinho ao Cardeal D. José Tolentino Mendonça.

Trata-se de uma personalidade inspirada e



inspiradora, que tem iluminado muitos de nós com a sua inteligência e o seu saber, com a sua escrita e o seu pensamento, com a sua tolerância e o seu humanismo.

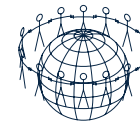
O Cardeal D. José Tolentino Mendonça é um verdadeiro *role model*, uma referência ética num tempo de relativismo moral e cívico.

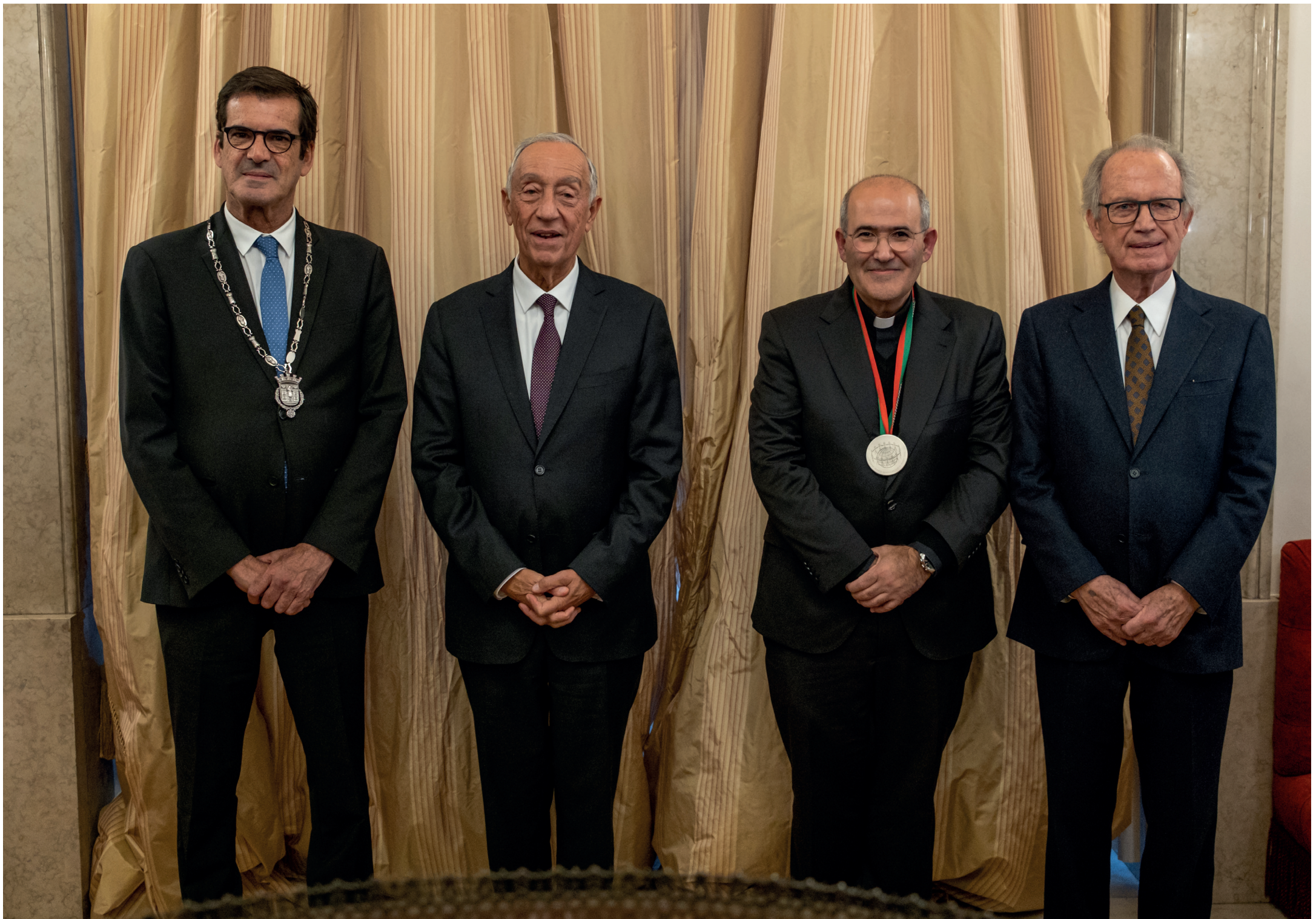
Sejamos ou não crentes na fé cristã, as palavras do Cardeal D. José Tolentino Mendonça entram em nós como relâmpagos na noite escura. Ajudam-nos a «descobrir a gramática da compaixão, a arte da clemência, o caminho quotidiano da bondade» – como escreveu num dos seus brilhantes aforismos.

O Cardeal D. José Tolentino Mendonça ensina-nos que «só perdemos aquilo que não damos». E a felicidade, essa, «chega nesses momentos de graça em que não esperamos nada».

A busca da essencialidade da vida que o Cardeal D. José Tolentino Mendonça empreendeu através do amor aos outros e ao conhecimento deve ser, também para nós, uma estrada que se abre para a felicidade.

Parabéns ao Sr. Cardeal D. José Tolentino Mendonça por este merecido prémio e à Fundação Ilídio Pinho por, em boa hora, ter distinguido uma personalidade tão fascinante.











## **A PEDRA FILOSOFAL DESTE PRÉMIO**

*Presidente da Fundação Ilídio Pinho,*  
**Ilídio Pinho**

Agradeço ao Presidente Rui Moreira a hospitalidade e a escolha deste espaço, que é muito mais do que um lugar simbólico, ou um cenário próprio, para uma cerimónia digna, do que é o maior prémio atribuído a um cidadão português por uma instituição privada. Neste caso, uma fundação de utilidade pública.

Vim a esta sala, há vinte e dois anos, assinar a escritura pública da Fundação Ilídio Pinho à qual foram doados cinquenta milhões de euros em memória do meu filho Ilídio Pedro, e volto aqui, hoje, para confirmar o que disse nesse dia, 24 de maio de 2000: “Vamos investir em projetos e pessoas que se distingam como portugueses, capazes de surpreender o mundo”.

Sublinhei, nessa sessão solene, presidida pelo atual Secretário-Geral das Nações Unidas e com o meu amigo Mário Soares na primeira fila, à frente de um vasto leque de personalidades, que esta instituição iria investir na ciência, na tecnologia, nas artes e na cultura.

Foi em reflexão com o primeiro-ministro, António Guterres, que se determinou que a Fundação Ilídio Pinho iria inscrever a cultura e a ciência na sua matriz

genética. E assim se assumiu!

Para além de inúmeros projetos de interesse nacional, tornou-se num grande motor de desenvolvimento estratégico da cultura, levando às escolas prémios incentivadores de conhecimento científico, num investimento da Fundação de cerca de 5 milhões de euros.

Foram envolvidos cerca de quinhentos mil alunos e professores de todo o país, de que resultaram milhares de projetos inovadores.

O nome do Ministro José Mariano Gago, figura numa placa dourada, logo à entrada das instalações da Fundação, para lembrar quem soube apostar no futuro da cultura científica de Portugal.

Ao criar agora o Grande Prémio Fundação Ilídio Pinho para distinguir uma personalidade portuguesa, cujo mérito é reconhecido além fronteiras, quisemos dar continuidade a esse trabalho de valorização da portugalidade.

Foi selecionado um júri de inequívocas competências intelectuais, plural e autónomo, garante de assinalar um nome para pedra angular deste projeto.

Não se deve aplicar, em vão, aquela frase de Cristo, “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei este prémio”. Mas permita-me, que diga: “Tu és Tolentino e sobre o talento do teu nome, que vem da terra italiana das marcas Tolentino, na província de Macerata, marcarei a futura lista de galardoados com o Grande Prémio Fundação Ilídio Pinho”.

Sua Eminência Reverendíssima será a pedra

angular deste projeto, que tem como símbolo uma medalha, obra-prima do Arquiteto Álvaro Siza Vieira, e o maior valor pecuniário, para prémios de personalidade em Portugal, ou seja, personalidade portuguesa exclusivamente.

Permitam-me que o diga, falando *Urbi et Orbi*, citando o próprio Papa, quando transformou o bispo Tolentino, em Cardeal D. José Tolentino Mendonça:

**- Tu és a Poesia!**

Reparem: Sua Santidade não disse “Tu és poeta”, mas sim “Tu és a Poesia”. Isto faz toda a diferença, porque o Professor de Física Rómulo de Carvalho que era, ao mesmo tempo, “o poeta da pedra filosofal”, António Gedeão, ensinou-nos que a poesia e a ciência se misturam numa cultura comum que, em Portugal, vai da mais pura poesia renascentista de Camões até à modernista filosofia de Fernando Pessoa.

Está, por isso, bem entregue o I.º Grande Prémio Fundação Ilídio Pinho - POESIA - a um cardeal que é poeta e filósofo, como provou no seu discurso de 10 de junho de 2020, quando lembrou que Camões mostrou Portugal a desconfinar o mundo do seu tempo.

Precisamos hoje de novos e permanentes desconfinamentos, na eleição dos nossos melhores e na seleção dos valores, que podem servir de estímulo a futuros talentos.

Nesse sentido, este prémio é o primeiro de muitos que todos os anos vão distinguir quem ousar fazer a diferença.

Quando o nosso filho Ilídio Pedro partiu, na força da sua juventude, sentimos a dor que só um pai e uma mãe sofrem nestas circunstâncias trágicas.

A minha mulher, a minha filha e os meus netos sabem que a vida continua e, tal como eu, acreditam que a alma do Ilídio Pedro está, hoje, com um brilho muito especial.

Está, seguramente, muito feliz com a escolha do Cardeal D. José Tolentino Mendonça para primeiro eleito do Grande Prémio da Fundação.

Senhor Cardeal: se o Ilídio Pedro fosse membro do júri, teria votado em si.

Senhor Presidente da República: agradeço-lhe, penhoradamente, a sua honrosa presença nesta cerimónia e o alto patrocínio que desde a primeira hora deu a este prémio. Peço-lhe, por isso, e agora, que entregue a medalha ao Poeta Tolentino. E ao Senhor Presidente da Câmara Rui Moreira que entregue o diploma.

Muito Obrigado.



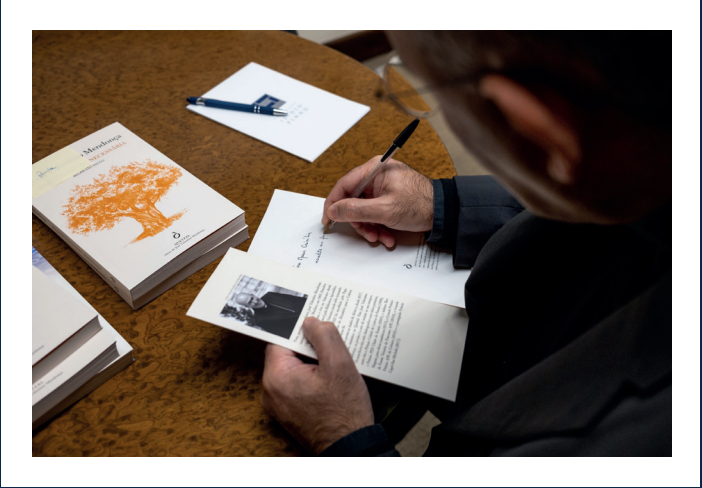
*ILÍDIO PINHO NÃO É UM EMPRESÁRIO VULGAR. É UM FAZEDOR DE SONHOS, COM DIMENSÃO CULTURAL E UM GRANDE SENTIDO DE DEVER.*

**RUI MOREIRA**

*O ENG.º ILÍDIO PINHO É UM EMPRESÁRIO EUROPEU QUE SEMPRE PERCEBEU O PAPEL DE PORTUGAL NO MUNDO.*

**CARLOS MOEDAS**







## **A VITÓRIA SOBRE O PESSIMISMO**

*Cardeal, Poeta,*

**José Tolentino de Mendonça**

Quanto temos a aprender da palavra gratidão! Parece um argumento minúsculo e para mais hoje praticamente destituído de cidadania cultural ou civil, a gratidão. Mas como escreveu Agustina Bessa-Luís, não há como os pequenos atos para exprimir aquilo que é grande e futurante no ser humano. De facto, não só no âmbito da experiência pessoal, mas também para a aventura coletiva que uma comunidade política incessantemente é chamada a viver, a gratidão representa um componente sem o qual a arquitetura profunda balança. Tinha razão Cícero quando fazia depender da gratidão todos os valores, quer os da vida privada, quer os que qualificam a vida em sociedade. A gratidão, como a própria etimologia nos faz ver, coloca no centro o reconhecimento de uma graça que nos precede. E esse reconhecimento é, de facto, o motor da vida. No princípio está, portanto, a graça, o dom, a benevolência, o esforço e o génio dos que nos antecederam transformado em dádiva, a inteligência e a generosidade de uma imensa corrente humana sem a qual nós não seríamos. Ninguém depende somente de si. Somos uma obra dos outros. Por isso, antes de nos tornarmos protagonistas e criadores (e para nos tornarmos protagonistas e criadores) temos de nos descobrir, em algum momento, gerados

por uma graça que nos é transmitida. E só quando nos compreendemos assim, como seres gerados, somos capazes também de pensar a história não como fragmento desconexo, mas como articulada sequência de gerações.

Na contemporaneidade, por exemplo, o filósofo Jean-Luc Nancy levantou uma questão que faz pensar: a de saber se, num mundo em clara mutação como é o nosso, ainda é possível falar de gerações. Para se falar de gerações é necessário que a geração presente se sinta em parte gerada pela anterior, se considere devedora desse engendramento, se assuma como herdeira de um dinamismo que, mesmo na sucessão, mantém linhas de continuidade. Essas são formas concretas de plasmar a gratidão. Ora, num mundo que se autorrepresenta, até de forma exasperada, a partir do paradigma da rutura e da fragmentação algo fica subtraído quanto à possibilidade de nos experimentarmos como geração. Para Nancy, uma das razões do mal-estar e desorientação da civilização atual é que «as gerações não se sabem nem se sentem geradas, mas sim destituídas, abandonadas, ou ainda largadas à beira de uma estrada [...], numa região confusa e desprovida de pistas e sinais». E esta desorientação ou vertigem atinge hoje a todos: não só os que têm vinte anos, mas também os de oitenta. É como se a crise dos encadeamentos entre gerações nos desligasse uns dos outros, nos tornasse mais incertos sobre aquilo que somos, mais hesitantes quanto à duração e aos modos de transmitir e herdar o mundo, sem saber

o que temos a agradecer uns aos outros. «De onde vimos?» «Somos herdeiros de quem?» «Quem nos continuará?» «Qual é verdadeiramente a nossa história?» «Que nos é pedido para conservar e levar mais longe?» Culturalmente, faltam-nos testemunhas, transmissores e mediadores para um diálogo colaborativo entre gerações que ajude a encontrar respostas consistentes para estas perguntas. Necessitamos, por isso, de um pacto intergeracional, mas celebrado em torno à gratidão e não em torno ao ressentimento, quanto a pontos fundamentais sobre o presente e o futuro do Homem e do mundo. Na mensagem do dia Mundial da Paz, para o próximo ano de 2023, o Papa Francisco exorta «a colocar de novo no centro a palavra «juntos». «Com efeito – diz ele –, é juntos, na fraternidade e solidariedade, que construímos a paz, garantimos a justiça, superamos os acontecimentos mais dolorosos». Se pensarmos nos imensos desafios epocais que somos chamados a enfrentar «juntos», desde a crise ambiental e o futuro do planeta à tentação que representam as visões radicais do pós-humanismo que pretendem promover versões, por assim dizer, melhoradas do ser humano e que correm o risco de redundar numa redução da pessoa humana, da sua dignidade e da sua liberdade, percebemos quanto é vital que a unir as gerações esteja um vínculo forte do coração, como a gratidão constitui. Se pensarmos hoje na solidão e na incerteza da vida dos velhos, remetidos a um abandono e a um desinteresse, como se

terminada a atividade produtiva deixassem de ser úteis (o que é um total absurdo e um desperdício humano); se pensarmos como a precariedade se arrisca tornar sempre mais a normalidade para as jovens gerações a quem não se dão horizontes de autonomia para, por exemplo, constituir família, pensar em ter filhos, assumir uma vida própria que plenamente lhes pertença, percebemos a urgência de encontrar paradigmas de organização social centrados efetivamente na pessoa humana. Isolados, excluídos da dinâmica circular do dom, sem ninguém para reconhecer no interior das transações de sentido que a vida requiere, sem nada para agradecer aos antecedentes ou para confiar aos vindouros, tornamo-nos átomos vagantes sempre mais infelizes e vulneráveis. É a gratidão que nos reforça para as grandes tarefas do ser.

Lembro o que escreveu uma grande poeta portuguesa nascida nesta cidade do Porto, Sophia de Mello Breyner Andresen:

*Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta  
Continuará o jardim, o céu e o mar,  
E como hoje igualmente hão de bailar  
As quatro estações à minha porta.  
Outros em Abril passarão no pomar  
Em que eu tantas vezes passei,  
Haverá longos poentes sobre o mar,  
Outros amarão as coisas que eu amei.  
Será o mesmo brilho, a mesma festa,*

*Será o mesmo jardim à minha porta,  
E os cabelos doirados da floresta,  
Como se eu não estivesse morta.*

Há, na verdade, uma forma de perenidade que devemos uns aos outros. «Juntos», associados por esse laço ético e qualificante que é a gratidão, resistiremos à usura do tempo e às crises que ciclicamente nos mergulham. Ninguém se sentirá só. Seremos comunidade e comunidade coesa. Ninguém será descartado ou deixado para trás. Então realmente poderemos dizer: «Será o mesmo brilho, a mesma festa, será o mesmo jardim». A escola da gratidão pode desempenhar um papel fulcral como cimento dessa vida comum. Recordo aquilo que escreveu o filósofo Martin Heidegger: «A gratidão acorda ao Ser o regresso à verdade». A gratidão faz-nos regressar à verdade que a vida é na sua essência. Para isso, precisamos de reaprender a gratidão e a introduzi-la com maior frequência e naturalidade nas dinâmicas pessoais e sociais. Uma sociedade humana torna-se digna desse nome quando ao morrer cada ser humano diz «obrigado».

Recebendo das vossas mãos um prémio que entre as suas finalidades inscreve o pensamento da portugalidade e o seu contributo para os valores humanos universais – prémio que comovidamente agradeço –, gostava de evocar brevemente uma interpretação de Portugal e do seu destino atualmente em desuso, mas que inscrita numa justa hermenêutica crítica pode dizer alguma coisa

de relevante ao nosso tempo. Nós, portugueses do século XXI, devemos reler com gratidão esses extraordinários pensadores que se ocuparam de Portugal como tema – do Padre António Vieira a Pascoaes, de Fernando Pessoa a Agostinho da Silva ou a Dalila Pereira da Costa. Eles usaram para pensar Portugal uma chave que chamaríamos mítica ou messiânica e que hoje se diria culturalmente inoperativa. Mas não se trata de transpor sem mais para o presente essa visão. Questão mais interessante é interrogarmo-nos sobre os desafios que o presente pode colher dela. E, nessa linha, sublinharia brevemente dois aspetos, tendo como pano de fundo o nosso elogio da gratidão: O primeiro prende-se com a certeza consolidada que, por exemplo, um cosmopolita como António Vieira tinha de que Portugal para ver-se a si mesmo precisa de inscrever-se no mundo, alargando a sua pequena esquadria geográfica, maturando as possibilidades que a internacionalidade oferece. Vieira falava do valor da relação com redes mais amplas e credíveis de conhecimento, defendendo, por exemplo, que não poderia governar bem Portugal «quem não viu mais mundo que de Lisboa a Belém». É verdade, Portugal não se realiza fechando-se em si mesmo. Mas, por outro lado, este sair de si não visa a diluição. Portugal deve salvaguardar a sua identidade, inclusive porque essa é também no mundo a sua missão. Só reforçando-se como projeto nacional, Portugal pode descobrir e concretizar a sua vocação de abertura ao universal.

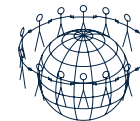
O segundo aspeto – e não menos importante – é a vitória sobre o pessimismo que infelizmente é uma das tentações de Portugal. Ao longo da história muitas vezes se discutiu se Portugal seria ou não viável como país. A lição de pensadores como Vieira é que um país não se faz sem números, mas que os números não bastam para fazer um país. Por isso ele escreveu: «Todos os que na matéria de Portugal se guiaram pelo discurso erraram e se perderam». E incitou-nos, sim, a escrever uma história do futuro. Na verdade, só honraremos devidamente a tarefa que a história representa se aceitarmos ser construtores da história do futuro. Mas, para isso, Portugal precisa hoje dar mais valor político à esperança.

Certamente uma herança que os pensadores da portugalidade, na sua saudável diversidade, nos legam – de Camões a Vieira, de Pascoaes a Saramago, de José Marinho a Eduardo Lourenço – é a largueza. Pensar Portugal com largueza. Essa largueza também nos responsabiliza para ultrapassar as visões pequeninas, parciais ou sem ambição. Temos a responsabilidade de abrir largamente os olhos para olhar, com inteligência e coração, este projeto coletivo que é Portugal.

Utilizei a palavra responsabilidade e com ela termino a minha reflexão. Um autor como São Tomás de Aquino, que muito pensou filosoficamente o que representa a gratidão, explicava que o seu caminho se compõe de diversos graus e tarefas. A primeira delas propõe que o beneficiário reconheça

(*ut recognoscat*) o bem recebido. A segunda, que o beneficiário expresse claramente a sua gratidão manifestando-a sob a forma de encómio ou louvor (*ut gratias agat*). Mas a gratidão não termina aí. A gratidão só se realiza efetivamente com o assumir de uma responsabilidade: isto é, o dever de restituir o bem recebido a outros segundo as possibilidades e as circunstâncias. A consciência de que somos agraciados vincula-nos seriamente à restituição da graça. Isso mesmo nós portugueses dizemos com a palavra obrigado. Essa é, na verdade, uma curiosidade da nossa língua. Outras línguas ligam a fórmula mais corrente da gratidão ao reconhecimento do bem ofertado, como o inglês (*thank*) e o alemão (*danken*). Outras ainda (são talvez a maioria) associam-na ao louvor por um bem ou serviço recebidos. E isso vemos desde o árabe (*shukran*) ao castelhano (*gracias*). Mas o português é uma das poucas línguas em que a fórmula corrente de gratidão alude também à responsabilidade de restituir. Ao dizer obrigado assumimos que ficámos *ob-ligatus*. Como se vê, a língua portuguesa não é só, como Fernando Pessoa disse, a nossa pátria. É também a nossa tarefa.

Senhor Presidente da Fundação Ilídio Pinho e distintos membros do júri, agradeço-vos de coração por me permitirem hoje dizer humildemente «obrigado».







*O ENG.º ILÍDIO PINHO É A PROVA DE QUE O CONHECIMENTO ALICERÇADO EM TRABALHO, INTERCEPTADOS COM HONRADEZ, SÃO A BASE MAIS SÓLIDA DO DESENVOLVIMENTO.*

**EMÍDIO GOMES**

*COM UM PERCURSO EMPRESARIAL NOTÁVEL INICIADO EM VALE DE CAMBRA, É CONTUDO UM VERDADEIRO CIDADÃO DO MUNDO.*

**JOSÉ PINHEIRO**





*NÓS PORTUGUESES: NÓS QUE ANONIMAMENTE REFAZEMOS, TODOS OS DIAS, A PORTUGALIDADE; NÓS QUE, MAIS DO QUE AS ABSTRAÇÕES E AS GENERALIDADES, FOMOS E SOMOS, HÁ QUASE NOVE SÉCULOS, A PORTUGALIDADE.*

**MARCELO REBELO DE SOUSA**



## **MAS O QUE É A PORTUGALIDADE?**

*Presidente da República,*

**Marcelo Rebelo de Sousa**

Para a Vossa Excelência Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto vai a minha primeira palavra. Para saudar o autarca privilegiado, o amigo indefectível, o membro do júri que hoje nos convoca e, mais do que isso, o lídimo representante do povo desta capital da liberdade e da cultura, inspiradora afirmação de integridade cívica, de espírito democrático, de serviço nacional.

Senhores membros do júri deste prémio, bem-hajam Vossas Excelências por darem corpo ao projeto de contemplar um vulto cimeiro da portugalidade, assim correspondendo ao sonho do Senhor Comendador Ilídio Pinho.

Senhor Comendador Ilídio Pinho, é de Vossa Excelência a iniciativa deste prémio, traduzindo a um tempo três relevantes finalidades: primeira, dar renovada e inequívoca substância a uma Fundação que jamais poderá ser injustamente encarada como autocontemplação ou como fórmula de dar um suplemento de vida a uma longa e variada carreira empresarial; segunda, dar sequência aos prémios destinados à cultura, à inovação, à juventude e ao futuro que criou e manteve anos a fio, com o apoio do Estado; terceira, dar expressão acrescida à portugalidade, galardoando o passado dos melhores

dos nossos melhores, mas fazendo-o sempre, e também, a pensar no futuro. Finalidades certas, asseguro eu a Vossas Excelências, com a autoridade de ter apreciado, com o Senhor Comendador Ilídio Pinho, a ideia nascente da Fundação na transição para o século em que vivemos. E, mais tarde, já como Presidente da República Portuguesa, ter entregue os prémios à juventude inovadora e ouvido, de ciência segura, o projeto desse novo grande prémio, diverso de todos os demais. Por ser apenas para cultores da portugalidade numa dimensão universal e não mais vasto, geograficamente, nos galardoados. Por ser para tudo o que coubesse nessa portugalidade e não só uma área, como a cultura, a ciência, a economia, a sociedade ou a política. Haverá outros prémios de maior expressão financeira, não o contesto. Ou de maior história, no sentido de percurso feito, não o questiono. O que não haverá é prémio outro que reúna a amplitude das áreas contempladas à circunscrição nacional.

Excelências, escolher um dos nossos melhores dos melhores não é missão despida de espinhos. Ele houve um Mário Soares, um Jorge Sampaio, um Eduardo Lourenço, um Gonçalo Ribeiro Teles, um Adriano Moreira, para recordar apenas cinco dos grandes que nos deixaram nos últimos anos. Ele há um António Guterres, excepcional símbolo da nossa projeção política no mundo; ele há um Álvaro Siza Vieira, excepcional símbolo da nossa projeção cultural no mundo; ele há um José Tolentino de Mendonça, excepcional símbolo da nossa projeção

espiritual no mundo. Todos eles, e sem dúvida alguns mais, expoentes da portugalidade.

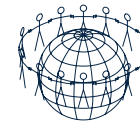
Mas o que é a portugalidade? Dela nos disse tudo, ou quase tudo, Sua Eminência o Cardeal D. José Tolentino de Mendonça naquele 10 de junho de 2020, num claustro dos Jerónimos vazio de corpos, que a pandemia os interditara, mas repleto de almas. Almas de muitos séculos, almas deste século. E o que não nos disse então, disse hoje, com a simplicidade profundíssima que nos transporta sempre ao essencial do que somos, porque somos, porque queremos ser, sem fim dos tempos. Mas já o haviam dito, noutras tons e noutras vivências, D. Dinis, Gil Vicente, Camões, António Vieira, Garrett, Herculano, Camilo, Eça (*sim, o Eça da Ilustre Casa de Ramires*), Pessoa (em português e em inglês, ele e os seus outros Eus), Torga, Régio, Pascoaes, Aquilino, Sophia, Agostinho da Silva, Saramago, Agustina, Mattoso, Lourenço, e tantos outros. Até esse esquecido Jorge Dias, perscrutador antropológico do ser português. Uns, apontando a terra. Outros, a gente. A gente feita de muitas gentes, que no cruzamento reside o segredo da riqueza. Terceiros, a língua, a História, a universalidade, o sortilégio de unirmos, mesmo quando separamos, erramos ou fracassamos. Uns, preferindo a abstração, o conceito, o ideal. Outros, privilegiando o concreto, o pessoal, o real. E depois há aqueles, que não nós, que nos olham, veem, observam e definem. É a portugalidade lida por não portugueses, nestes portugueses cabendo os

que já são portugueses por se terem integrado e recriado o que antes éramos. E esses, que nos veem de fora, são uns mais ácidos e corrosivos, outros mais compreensivos e abrangentes. E dentro destes, por exemplo, líderes de nações que nos falam do que somos, connosco se surpreendendo e nunca deixando de nos caracterizar nalgum sublinhado empático. E é ouvir um deles a dizer como esses nossos a tanto se ajustam, humildes, simples, não discutindo comodidades que outros discutem em tempo de guerra. Ou aquele outro centro-africano, contando como os nossos entraram pela mão de supostos potentados europeus que tudo prometiam dar, apoiar e proteger, e, na primeira esquina da História, atiraram às malvas o serviço da Humanidade. Partiram com pré-aviso de quinze dias, deixando a cumprir o prometido os nossos, fiéis aos compromissos e esclarecidos acerca das juras eternas alheias. Ou então o líder cabo-verdiano que, pasmava ele, por cá vivera a pandemia com o civismo sereno de um povo tradicionalmente tido por outros como apenas rebelde, recalcitrante, insatisfeito e maledicente. Ou seja, outros em nós descobrem, aqui e ali, de permeio com os defeitos – que temos e que não vale a pena esconder –, aquilo de bom que também temos dificuldade em descortinar. Nós portugueses: nós que, anonimamente, refazemos, todos os dias, a portugalidade; nós que, mais do que as abstrações e as generalidades, fomos e somos, há quase nove séculos, a portugalidade.

Excelências, pois hoje, pela mão de um Comendador orgulhoso dessa portugalidade, com a certa escolha de autarcas e reitores universitários insignes, aqui estamos para agradecer a José Tolentino de Mendonça o ser um dos melhores de todos nós. Este ano muito justamente eleito um exemplo de portugalidade. E em todos os títulos: nas raízes madeirenses, atlânticas, universais e, por isso, portuguesas. Na singularidade do *cursus honorum*, na pesquisa, na ciência, na governação da academia e, sobretudo, no magistério dos bancos da escola e no magistério da vida. E, por isso, universal e, naturalmente, português. Na exceccionalidade do percurso eclesiástico a que nada faltou, da docência ao universitário do terreno, da Capela do Rato a Roma, do diálogo inter-religioso ao diálogo com as comunidades, da sabedoria da História à profecia do futuro, do Cristianismo vasto e aberto e, por isso, esteio do ser português nestes novos tempos, para além do ser português no estar presente ao longo dos tempos todos. Na multidimensionalidade da cultura e das culturas, dando e recebendo, área a área, do performativo ao documental, do antigo ao novo, latitude a latitude, longitude a longitude e, por isso, também tão português. No anúncio da língua, que é a nossa, afeiçoada, burilada, iluminada, redivida, despida de adorno, singela no essencial e, por isso, missionário de um pilar maior do ser português. Na vocação da poesia, a poesia poética, a poesia em prosa, nessa cadeia ininterrupta que vem do fundo das outras

raízes, as do espírito, e se confunde com um sentir multissecular, mais lírico do que épico; ou melhor, épico enquanto lírico e, por isso, tão visceralmente português. Tudo isto e muito mais.

Outros há que sejam, como ele, exemplo eloquente de portugalidade? Há, ainda que não tão completos. Mas encetar o longo trilho, que desejaríamos sem termo, deste prémio, elegendo José Tolentino de Mendonça, é começar por onde faz sentido começar: olhar alto e olhar longe. Um exemplo de Portugal e para Portugal. Premiar José Tolentino de Mendonça é homenagear Portugal.









O ENG.º ILÍDIO PINHO TEM UM ESPÍRITO LÚCIDO, SIMULTANEAMENTE EMPREENDEDOR E CRIADOR, E QUE PARA ALÉM DISSO NOS FAZ ACREDITAR NA BONDADE HUMANA.

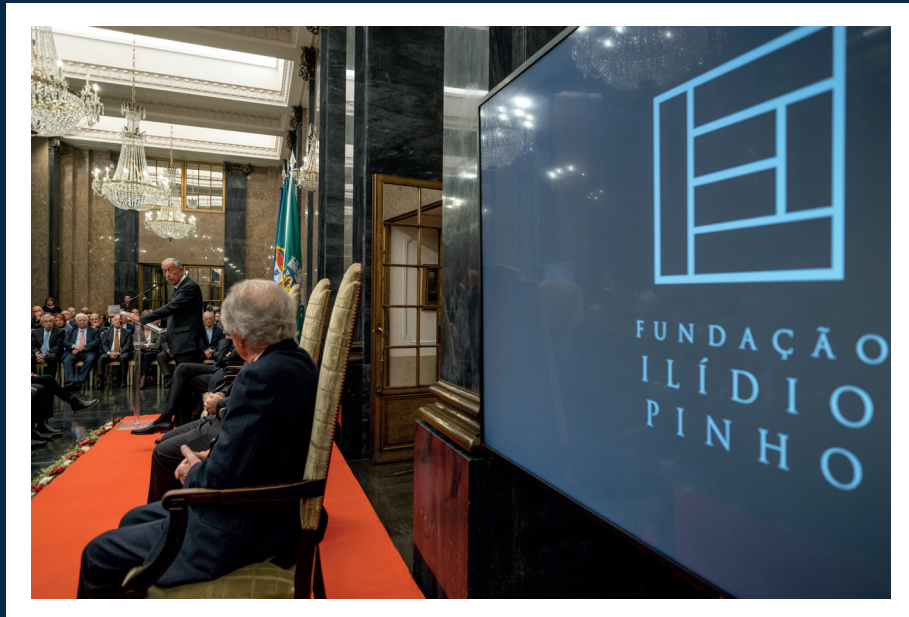
ANTÓNIO SOUSA PEREIRA

ILÍDIO PINHO É UMA INDIVIDUALIDADE ÍMPAR PELA ATENÇÃO ESPECIAL E CONTINUADA QUE TEM DEDICADO À CAUSA PÚBLICA. É UM BENEMÉRITO DE EXCEÇÃO E UM HUMANISTA POSSÍVEL.

PAULO JORGE FERREIRA







*EMPRESÁRIO ARROJADO,  
DETERMINADO E GANHADOR POR  
MÉRITO PRÓPRIO, ILÍDIO PINHO TEM  
UMA RELAÇÃO CONTINUADA COM  
O MEIO UNIVERSITÁRIO, SENDO  
HOJE ABUNDANTE A EVIDÊNCIA  
DE QUE CONSTRUIU UMA IDEIA DE  
UNIVERSIDADE.*

JÚLIO PEDROSA

*SÓ CONHECIA A IMAGEM PÚBLICA DO  
EMPRESÁRIO ILÍDIO PINHO. LOGO NO  
NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO, PORÉM,  
DESCOBRI UM SURPREENDENTE  
CRIADOR.*

NUNO SANTOS





*TÍTULO*

POESIA  
PONTO CARDEAL  
GRANDE PRÉMIO FUNDAÇÃO ILÍDIO PINHO 2022

1.ª EDIÇÃO, FEVEREIRO 2023, FUNDAÇÃO ILÍDIO PINHO

*COORDENAÇÃO GERAL*

CARLOS MAGNO

*COORDENAÇÃO EDITORIAL*

BAIRRO DOS LIVROS

[REVISÃO, PAGINAÇÃO E DESIGN  
CATARINA ROCHA, MINÉS CASTANHEIRA,  
ISABEL COSTA, EMILENE LIMA, SOFIA PINTO]

*CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS*

IGOR MARTINS

*MEDALHA COMEMORATIVA*

ARQ.º ÁLVARO SIZA VIEIRA

*ISBN:* 978-989-35040-0-0

*DEPÓSITO LEGAL:* 511972/23

O ENG.º ILÍDIO PINHO CRIOU ESTE  
PRÉMIO PARA PORTUGUESES  
EXTRAORDINÁRIOS, PORQUE SABE QUE  
NO FUTURO NASCERÃO AINDA OUTROS  
PORTUGUESES EXCECIONAIS PARA  
PREMIAR.

**CARLOS MAGNO**